

A QUESTÃO DA TÉCNICA:

O perigo da desumanização do humano

Wellington Lima Amorim¹

José Roberto Carvalho da Silva²

Resumo: Pretende-se discutir a essência da técnica moderna segundo Martin Heidegger. A questão que segue nos remete a abandonar as concepções instrumentais e antropológicas, pois a essência da técnica não é nada técnica, muito menos está sob o domínio do homem. É importante ressaltar, que da técnica buscamos o verdadeiro, a essência. O texto chave da abordagem é o *A questão da técnica* do próprio Heidegger, juntamente com outros que servirão de base, como por exemplo, *Ser e Tempo* para a nossa discussão. A essência da técnica está oculta, e cada vez mais, para desvelá-la, é preciso sair do próprio âmbito que ela domina. Sabemos que, para Heidegger, a história do pensamento é a história do esquecimento do Ser, ou seja, da Metafísica. Mas o que a essência da técnica moderna tem a ver com esse esquecimento? Aquilo que a técnica descobre é justamente o completo esquecimento do Ser em prol da exploração do ente, inclusive do homem. O motor principal da pesquisa recai justamente sobre as consequências que o ente humano deve sofrer diante desse destino, pois Heidegger conclui que o descobrimento técnico moderno anuncia a própria extinção do homem enquanto ente capaz de questionar o Ser. Mas, segundo o filósofo há uma saída possível. Ao reconhecermos esse perigo enquanto perigo, a técnica pode Ser também o que nos salva.

Palavras-chave: Técnica; descobrimento; ente humano; perigo.

Abstract: This article aims to discuss the essence of modern technology according to Martin Heidegger. The following question takes us to abandon the instrumental and anthropological conceptions, because “the essence of technology is by no means anything technological” and it is much less under man's domain. It is important to note that from the technology we seek the true, the essence. The key text of the approach is Heidegger's work *The Question Concerning Technology*, along with other works that will be the basis for our discussion, such as *Being and Time*. The technology's essence is hidden, and increasingly, to unveil it, it is necessary to leave the actual extent that it dominates. We know that, for Heidegger, the history of thought is the history of the oblivion of the Being, namely, the metaphysics. But what does the essence of modern technology have to do with this oblivion? What technique reveals is just the oblivion of the Being in favor of the entity's exploration, including the man. The main engine of this research lies precisely on the consequences that the human being must suffer in

¹Prof. Dr. Wellington Lima Amorim – Universidade Federal do Maranhão. E-mail: wellington.amorim@gmail.com

² Graduando em Filosofia – Universidade Federal do Maranhão. Contato: j.roberto-10@hotmail.com

AMORIM, Wellington Lima; DA SILVA, José Roberto Carvalho. A questão da técnica: o perigo da desumanização do humano. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.01-13, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

face of this fate. Heidegger concludes that the unconcealment of the modern technology announces man's own extinction as an entity capable of questioning the Being. But, according to the philosopher, there's a possible output. By recognizing this danger as a danger, the technology can also be what saves us.

Key-words: Technology; unconcealment; human entity; danger.

1. INTRODUÇÃO

*"A questão da técnica"*³ foi uma conferência realizada por Heidegger em 18 de novembro de 1953, na escola técnica superior de Munique, na série *"As Artes na Idade da Técnica"*, promovida pela Academia de Belas-Artes da Baviera. O texto que segue tem o intuito de discorrer acerca daquilo que Heidegger entendeu por *"questão da técnica"*, ajudando-nos a pensar o *destino* que ela nos reserva. Em *"A questão da técnica"*, Heidegger procura saber o que ela é em sua essência. Mas, tudo o que é essencial não se mostra de imediato. Neste sentido, a princípio, o essencial se encontra oculto ou só se revela no final. Ora, a técnica moderna também oculta algo, e este algo, que é a sua essência, para Heidegger, não é nada técnico. Assim, no caminho do pensamento, é preciso que nos situemos fora do domínio da técnica, pois uma vez estando fora, poderemos fazer a experiência dos limites de tudo àquilo que é técnico através de um livre relacionamento com a questão.

Heidegger não investigará a questão como um crítico cultural, muito menos tem como referência uma antropologia, pois essas abordagens procuram ter uma definição prévia de técnica e de homem e saber a relação entre ambos, como se o homem fosse o *sujeito* da tecnologia. Por isso é importante abrir mão de definições correntes acerca da técnica. Correntemente se diz que a técnica é neutra, que seu valor depende do modo como será conduzida pelo homem, ou para o bem ou para o mal. Diz-se também que a técnica é um meio para um fim e produto da atividade humana. Quem dirá que essas concepções não são certas? De fato são certas, exatas e evidentes, mas o exato não precisa descobrir a essência do que se dá e se apresenta. O

³ Heidegger, Martin. Ensaios e Conferências. Vozes. 2001.

AMORIM, Wellington Lima; DA SILVA, José Roberto Carvalho. A questão da técnica: o perigo da desumanização do humano. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.01-13, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

que buscamos é analisar a condição de possibilidade de acesso a sua essência. Por isso, essas definições não nos servem pelo simples fato de nada dizerem a respeito do descobrimento da técnica. Todas essas definições já estão de algum modo, determinadas por algum tipo de compreensão do Ser, que vigora desde Platão a Nietzsche, ou melhor, o esquecimento do Ser, ao logo de toda a construção da Metafísica ocidental.

2. O ESQUECIMENTO DO SER E A METAFISICA

Para Heidegger a maneira mais originária de questionar o Ser está nos pré-socráticos, onde a questão permanece em aberto, onde o *Ser* só se pode dizer que é aquilo que é. A verdade que surgia do Ser era a *aletheia*, ou seja, o descobrimento do que está encoberto (*phísis*⁴), que às vezes aparece e às vezes desaparece. Assim, o *logos* dos mortais jamais poderia, pela própria natureza do ente em vigor, pensar e dizer o desvelado sem está velando o que deixou de vigorar, assim, quando Heráclito diz que a “*Phísis ama ocultar-se*”, o que está querendo ser dito é que o conhecimento jaz sempre parcial. O esquecimento do Ser é o esquecimento do velado, coincide com o abandono da verdade enquanto *Aletheia* em detrimento de uma Metafísica que determina o Ser da verdade, na concordância entre o pensamento e a coisa pensada, que ainda hoje vigora sem pensar a diferença. Cabe lembrar que entre os romanos ela foi chamada de *veritas*, para designar uma possível tradução da palavra grega *aletheia*. Embora ambas não possam significar a mesma coisa. A *veritas* romana está mais próxima daquilo que correntemente entendemos por *verdade* do que a *aletheia*, por isso torna-se muito difícil traduzirmos a palavra grega por *verdade*, uma vez que *verdade* deveria ser entendida como concordância. Entendemos por *aletheia* outro termo, a saber, *descobrimto*.

⁴ Não traduzir este termo por ‘natureza’. *Phísis* quer dizer algo mais amplo, quer dizer a vigência do ente, em todos os seus modos de brotar, não só em modos naturais.

AMORIM, Wellington Lima; DA SILVA, José Roberto Carvalho. A questão da técnica: o perigo da desumanização do humano. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.01-13, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

Então se quisermos chamar *aletheia* de verdade teremos que considerar por verdade o *desencobrimto* e não a concordância entre pensamento e coisa. A verdade enquanto *desencobrimto* é de natureza muito mais originária que o conceito de *véritas*, afinal somente com o *desencobrimto* é que podemos proferir alguma espécie de “verdade”. A verdade neste sentido mais originária não pertence ao homem como pensa a tradição humanista, mas sim o homem que pertence à verdade. Desse modo, resta ao homem, que almeja o pensamento livre, pensar esse pertencimento. Heidegger denomina *clareira*, na conferência *O fim da filosofia e a Tarefa do Pensamento*, a verdade da presença. Assim, por existir *clareira* é que toda espécie de “verdade”, seja ela “evidência”, “certeza”, “*veritas*”, pode vir a *brotar* enquanto tal. Diante disso, o pensamento metafísico é aquele que se entende fundador da verdade ao mesmo tempo em que se esquece da *clareira* de onde parte. Tal esquecimento faz parte da própria essência da Metafísica, cuja verdade busca a exatidão e a dedução do mundo, ao mesmo tempo em que tenta fugir de sua determinação ontológica de estar em um *desencobrimto* historicamente situado.

O esquecimento do Ser inicia-se com Platão em sua Metafísica das ideias, por definir nela a “verdade” do Ser em detrimento das coisas sensíveis. Tal verdade já não é mais entendida como *alethéia*, mas sim a lógica que põe o Ser entificado por categorias. Desse modo, o Ser foi esquecido a partir do momento em que se deu na história do pensamento, uma corrida para definir pelo ente a partir do ente, repartindo-o em áreas do conhecimento como a “Lógica”, a “Ética” e a “Física”. Mas, em *Ser e Tempo*, Heidegger mostra-nos uma diferença fundamental, a saber, entre o *Ser* e *ente*. O Ser é o conceito mais universal, sua natureza é impossível definir, pois o que se “define” é o ente e não o Ser. O Ser é algo a ser compreendido e não definido. O ente, por sua vez, só é possível porque antes há Ser. Ente é tudo aquilo com o qual nos relacionamos desta ou daquela maneira, ou ainda, o ente é também o que somos ou o ente é tudo que na medida é ajuizado, dito ou definido consciente ou inconscientemente.

Todo *Ser* é *Ser* do *ente*, mas o pensamento ocidental confundiu esses dois fenômenos e pensou-se muito o *ente* supondo que estava pensando o *Ser*. Nessa

AMORIM, Wellington Lima; DA SILVA, José Roberto Carvalho. A questão da técnica: o perigo da desumanização do humano. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.01-13, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

precipitação baseia-se a Metafísica. O Ser mesmo, ao contrário, não foi pensado desde Platão, pois o pensamento que nasce com ele e que culmina na Modernidade com Descartes. Este, não pode questionar o *Ser* originariamente como aqueles que os antecederam, os pré-socráticos. Foi com Descartes que o esquecimento do Ser concretizou-se enquanto compreensão dominante no mundo ocidental até os dias de hoje. Ao definir como método a dúvida, a verdade como certeza, e o mundo como *imagem*, Descartes abriu o caminho para a completa dominação do ente na era moderna. A determinação do mundo enquanto imagem, *objetividade*, e representação proposicional, possibilitou o domínio sobre o ente pela quantificação e pelo cálculo, dando início àquilo que chamamos de ciências naturais. Sobre isso Heidegger diz no § 21 de Ser e tempo:

Na discussão crítica do ponto de partida cartesiano teremos, pois, de perguntar: Que modo de ser da presença é fixado como a via de acesso adequada ao *que*, enquanto *extensio*, Descartes identifica com o ser do “mundo”? A única via de acesso do conhecimento físico-matemático. O conhecimento matemático vale como o modo de apreensão dos entes, capaz de propiciar sempre uma posse mais segura do ser dos entes nele apreendidos. Em sentido próprio, só é aquilo que tem o modo de ser capaz de satisfazer o ser acessível no conhecimento matemático. (HEIDEGGER, 2001, p. 147-148).

Assim o mundo tornou-se algo evidente enquanto pura representação para um sujeito, sendo a marca dominante do pensamento moderno. Mas essa concepção, por outro lado, nada revela sobre o fenômeno *mundo*, do *ser-no-mundo*. Assim, pode-se dizer que o sujeito cartesiano é um sujeito desumanizado, diante do qual se apresenta em um mundo enquanto objeto. Descartes, desse modo, passou por cima do fenômeno *mundo* e do próprio *ser-no-mundo*, pois toda determinação cartesiana de mundo pressupôs, antes, o mundo para o qual ele mesmo foi em sua finitude a sua *clareira*. Esta dominação do ente pelo sujeito influenciou a relação do homem moderno com a *natureza*, conseqüentemente, aquilo que se entende por técnica se transformando em uma relação entre sujeito e objeto. A natureza enquanto ente objetivado, desde então, tornou-se disponível à dominação, assim o homem deixou de ser parte integrante da natureza e a natureza se fez parte integrante de seu projeto. O

AMORIM, Wellington Lima; DA SILVA, José Roberto Carvalho. A questão da técnica: o perigo da desumanização do humano. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.01-13, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

homem não é mais como antes, o pastor do Ser, agora ele se situa como o senhor do Ser, mas não do Ser propriamente dito, e sim do ente o tomando ilusoriamente enquanto Ser. Mas o que a técnica tem a ver com isso? Vejamos o que Heidegger diz na *Carta sobre o humanismo*:

A técnica é, em sua essência, um destino antológico-historial da verdade do ser, que reside no esquecimento. A técnica não remonta, na verdade, apenas com seu nome, até à τέχνη dos Gregos, mas ela origina-se ontológico-historicamente da τέχνη como um modo de ἀληθεύειν, isto é, do tornar o ente manifesto. Enquanto uma forma de verdade, a técnica funda-se na história da Metafísica. Esta é uma fase privilegiada da história do ser e a única da qual, até agora, podemos ter uma visão de conjunto. (HEIDEGGER, 2005, p.49).

Segundo Heidegger a técnica moderna é o último estágio dessa Metafísica na história. Assim à essência da técnica clássica se conduzirá historicamente se situando antes do pensamento metafísico, relacionando-as com o homem.

3. TÉKHNE, DESVELAMENTO E POIÉSIS.

A palavra técnica é uma palavra proveniente do grego *tékhne*, que por sua vez diz-se àquilo que pertence a *arte*. A *arte* sobre a qual se fala não só diz respeito à arte artesanal, mas também às belas-artes. Tanto a arte artesanal quanto as belas-artes pertencem à produção, *poiésis*, por isso é algo que pertence ao poético. Não somente a *tékhne* configura-se numa *pro-dução*, mas também a *physis* como um todo. A *physis* é a máxima *poiésis*, pois ela tem em si mesmo o brotar da *pro-dução*, enquanto que o que é produzido por vias do artesanato e da arte não possui em si mesmo esse brotamento, mas sim no artesão e no artista. Dessa forma, o artesão descobre a vigência do ente, identificando-se poeticamente com a *physis* no processo de produção. A produção conduz o desencobrimento do que está encoberto. Para a palavra desencobrimento os gregos chamavam *aletheia*. Os romanos a traduziram por

AMORIM, Wellington Lima; DA SILVA, José Roberto Carvalho. A questão da técnica: o perigo da desumanização do humano. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.01-13, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

veritas. Hoje a chamamos de *verdade*, isto é, uma representação. Mas tanto *veritas* quanto *verdade* nada diz acerca da *aletheia*. A *aletheia* tal como se encontra entre os gregos é a maneira mais originária de relacionar-se com o Ser dos entes, pois no descobrimento desta, o homem não pretende dominar o Ser, mas sim cultivá-lo por meio da *pro-dução poética*.

A essência da *téckhne* tem a ver com esse descobrimento, por onde se funda toda *pro-dução*, portanto ela não é um simples meio, mas uma revelação de verdade. A palavra *tékhne*, até o tempo de Platão, permanecia juntamente com a palavra *episteme*, pois a partir de Aristóteles ambas começam a significar coisas distintas na esfera do conhecimento. Ambas pertenciam àquilo que diz respeito a um conhecimento que nada tem a ver com o sentido apropriador de hoje, o conhecimento era apenas um descobrimento. Quando se diz conhecer, diz-se conhecer uma arte, versado em um fazer, em uma espécie de produção e descobrimento. Sobre o descobrimento da técnica artesanal grega Heidegger diz: “O decisivo da *τέχνη* não reside, pois no fazer e manusear, nem na aplicação de meios, mas no descobrimento mencionado. É este descobrimento e não na elaboração que a *τέχνη* se constitui e cumpre em uma *pro-dução*”.⁵

A técnica clássica mantinha relação de comunhão com a natureza, de pertença. Tratava-se de uma relação poética, e não de mero manusear. O artesão não se sentia o senhor do Ser, mas apenas seu pastor. O artesão não era o senhor de todo o fazer produtivo, ele apenas *deixava* brotar o curso natural da *physis*. Por exemplo, na *tékhne* da medicina, o médico não cura ninguém, mas apenas conduzir ou pastorear a natureza de modo que esta possa curar alguém, pois era na *physis* que se encontrava a própria produção da cura e não no homem. A essência da *tékhne* preservava a humanidade do humano, isto é, a essência deste ente cuja relação com o Ser é privilegiada, é justamente por poder questioná-la acerca de seu sentido. A *tékhne* não punha o homem apenas em relação com os entes simplesmente dado, mas também com uma abertura ao Ser dos entes por meio do descobrimento. Sobre essa diferença fundamental entre as técnicas que Heidegger apresenta, Rüdiger diz:

⁵ HEIDEGGER, Martin. Ensaios e Conferência. 2001, p.18.

AMORIM, Wellington Lima; DA SILVA, José Roberto Carvalho. A questão da técnica: o perigo da desumanização do humano. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.01-13, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

Na Grécia, a técnica consistia essencialmente num processo de revelação “único, em uma multiplicidade de desdobramentos” (Questão, p.36) Pertence à técnica, por exemplo, a produção da beleza nas artes e nos ofícios, não menos do que da saúde na medicina e da eficácia na oratória. Na modernidade, a técnica torna-se, ao invés disso, a multiplicação uniformizada de um único e mesmo, embora distinto quanto à origem, processo de revelação baseado no cálculo do ente e na reconstrução do mundo em sua totalidade. (RÜDIGER, 2006, p.136).

A produção poética nasce dessa relação originária, onde as coisas não são vistas apenas mediante sua cadeia utilitária ou mediante ao cálculo como veremos no período moderno. A técnica moderna tem uma dimensão nunca vista antes, mas a sua essência não é nada técnico, pois cada vez mais torna o homem incapaz de viver poeticamente e ter uma relação originária com sua existência.

4. TÉCNICA, DESVELAMENTO E *GESTELL*.

A técnica moderna, caracterizada pela máquina e aparelhagem, não pode ser determinada enquanto uma produção, *poiésis*, no sentido grego. No entanto, assim como a técnica grega, a moderna é capaz de descobrir algo, e é esse algo que nos impele a pensar; pois se por um lado a técnica antiga colabora para que o homem deixe com que realize uma relação originária com a *physis*, a técnica moderna é incapaz de proporcionar tal relação. A técnica que determina a maneira de compreender o Ser dos entes em nossa época tem estreita ligação com as ciências exatas da natureza. Não obstante, o outro lado também nos é válido, pois as ciências exatas da natureza também dependem do uso de aparelhos técnicos para se desenvolver. A influência recíproca entre as duas é evidente, mas isso não é o mais importante na presente investigação, pois a questão que nos impele é saber qual a essência da técnica moderna e de que forma são uteis as ciências exatas da natureza. Sabemos que o descobrimento da técnica moderna não se dá em uma *pro-dução* no sentido de *poiésis*, cuidar, pastorear ou lavar. O descobrimento da técnica vigente é

AMORIM, Wellington Lima; DA SILVA, José Roberto Carvalho. A questão da técnica: o perigo da desumanização do humano. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.01-13, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

outro, é uma exploração que desafia a natureza, fazendo da mesma o principal reservatório de energia. Tal visão de natureza encontra-se inicialmente inserida na compreensão das ciências naturais, para a qual a natureza é um sistema operativo e calculável. As ciências naturais fundam-se numa Metafísica da subjetividade, onde o mundo é *imagem* para um *sujeito*, e a verdade a certeza sobre esse *mundo*. O mundo determinado enquanto *imagem (res extensa)* torna-se passível de todo cálculo e dominação. Para clarificar essa ideia Heidegger nos dá o exemplo do rio Reno:

A usina hidroelétrica posta no Reno dis-põe o rio a fornecer pressão hidráulica, que dis-põe as turbinas, cujo giro impulsiona um conjunto de máquinas, cujos mecanismos produzem corrente elétrica. As centrais de transmissão e sua rede se dis-põem a fornecer corrente. Nesta sucessão integrada de dis-posições de energia elétrica, o próprio rio Reno aparece, como um dis-positivo. A usina hidroelétrica não está instalada no Reno, como a velha ponte de madeira que, durante séculos, ligava uma margem à outra. A situação de inverteu (...) (HEIDEGGER, 2001, P.20).

A essência da técnica moderna é esse desencobrimento que leva o homem a atender ao apelo da exploração que descobre tudo enquanto ente disponível. À essência da técnica moderna Heidegger chama de *com-posição*, em alemão *Gestell*, que em si mesmo não é nada técnico, pois seu alcance vai além da técnica e por ela somos direcionados apenas ao ente. A disponibilidade é o modo que vigora todo ente que atingiu a compreensão exploradora. Sobre a *Gestell* o autor de *A questão da técnica nos diz*:

Com-posição, "*Gestell*", significa a força de reunião daquele por que põe, ou seja, que desafia o homem a des-sencobrir o real no modo da dis-posição, como disponibilidade. Com-posição (*Gestell*) denomina, portanto, o tipo de desencobrimento que rege a técnica moderna, mas que, em si mesmo, não é nada técnico. (HEIDEGGER, 2001, P.24).

Tomamos por certo dizer que é para o ente humano, que os mesmos surgem enquanto entes disponíveis, e que este desencobrimento é do homem. Mas será que esse desencobrimento enquanto *Gestell* é do homem simplesmente? Se

AMORIM, Wellington Lima; DA SILVA, José Roberto Carvalho. A questão da técnica: o perigo da desumanização do humano. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.01-13, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

respondêsemos que sim, ficaríamos numa visão instrumental e antropológica acerca da técnica. Mas a técnica não é mero fazer do homem, muito menos posse sua, pelo contrário, sua essência é responsável pelo desencobrimento que cada vez mais determina seu modo de *ser no mundo*. O homem quer acreditar que ele é dominador da técnica, tal crença só revela o quanto ele já está dominado pela *Gestell*. A *Gestell* é o desencobrimento explorador, e enquanto desencobrimento, o homem não o domina, pelo contrário, é o homem que sempre está disposto a responder ao apelo desse tipo de desencobrimento. O homem, historicamente, já sempre descobre uma forma determinante de compreensão, a atual compreensão é a *Gestell*, no entanto, o homem corre um grande perigo, pois ele, o homem, também pertence ao conjunto dos entes dos quais a *Gestell* tem domínio. Através dela, o ente humano pode estar pertencendo a essa disponibilidade, reduzindo-se a um dispositivo, e perdendo sua humanidade. Perder a humanidade, para o homem, quer dizer perder o caráter de ente ontológico ao mesmo tempo em que se nivela aos outros entes.

5. O PERIGO DA DESUMANIZAÇÃO DO HUMANO

O perigo que a *Gestell* reserva ao Ser do homem na situação em que nos encontramos é o destino. Heidegger entende por destino “a força de reunião encaminhadora, que põe o homem a caminho de um desencobrimento”⁶. O destino do desencobrimento que hoje vigora é um perigo que consiste na possibilidade de não termos mais outra compreensão de ser a não ser a *Gestell*, uma vez que o que nos faz humanos é o horizonte de possibilidades garantidas pelo modo de ser da existência. A *ex-sistência* é a essência do homem. Entende-se por *ex-sistência* o que está revelado na verdade do Ser, isto é, a sustentação do *ser-ai (dasein)* pelo homem na clareira do Ser. Por isso só o homem existe ontologicamente. O perigo reside na possibilidade do desencobrimento vigente transformar, nós entes ontológicos, em dispositivos, a toda

⁶ HEIDEGGER, Martin. Ensaios e Conferência. 2001, p.27

AMORIM, Wellington Lima; DA SILVA, José Roberto Carvalho. A questão da técnica: o perigo da desumanização do humano. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.01-13, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

espécie de exploração, no fato de que a técnica da qual pensava o homem ser senhor, venha abolir o privilégio humano de questionar o Ser.

Tal destino é perfeitamente compreensível uma vez que onde reina o desencobrimento da técnica moderna, torna-se impossível qualquer outro tipo de desencobrimento. O desencobrimento, do qual pertence à *Gestell*, encobre o próprio desencobrimento enquanto tal. Eis o perigo extremo da *Gestell*: o homem pode perder as possibilidades de desencobrimento em face de um único desencobrimento, ou melhor, perde a capacidade de fazer história, esquece-se de si mesmo, uma vez que a história é a história dos modos do homem no ato de desencobrir o real:

A ameaça, que pesa sobre o homem, não vem, em primeiro lugar, das máquinas e equipamentos técnicos, cuja ação pode ser eventualmente mortífera. A ameaça, propriamente dita, já atingiu a essência do homem. O predomínio da com-posição arrasta consigo a possibilidade ameaçadora de se poder vetar ao homem voltar-se para um desencobrimento mais originário e fazer assim a experiência de uma verdade mais inaugural. (HEIDEGGER, 2001, p. 30-31).

Mas o problema que segue não tem apenas uma faceta. Heidegger vai nos apresentar o caráter essencialmente ambíguo da técnica moderna. Lá onde habita a *Gestell*, também mora o perigo, mas diz Heidegger, ao citar o poeta Hölderlin, pode também ser aquilo que salva. Como o perigo pode ser aquilo que salva? O perigo só o é, enquanto não é reconhecido enquanto tal, ou seja, o perigo é realmente perigoso, quando não sabe da própria periculosidade, pois ao evidenciarmos o perigo, de alguma forma saímos da esfera que ele domina. O perigo é a última caminhada da Metafísica ocidental e se o poeta estiver certo em suas palavras, estamos caminhando também para nossa salvação. Tal salvação só poderá ser possível porque a essência da técnica não é nada técnica, isto é, a essência não se resume a equipamentos e aparelhagens, mas sim um tipo específico de desencobrimento. A salvação que Heidegger se refere, em última estância, é aquilo que leva o homem perceber sua condição de ser ontológico, de ser capaz de relacionar-se com o Ser de forma autêntica e originária. Na seguinte passagem ele diz:

AMORIM, Wellington Lima; DA SILVA, José Roberto Carvalho. A questão da técnica: o perigo da desumanização do humano. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.01-13, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

Pois é o que salva que leva o homem a perceber e a entrar na mais alta dignidade de sua essência. Uma dignidade, que está em proteger e guardar, nesta terra, o des-encobrimento e, com ele, já cada vez, antes, o encobrimento. A com-posição é o perigo extremo porque justamente ela ameaça trancar o homem na dis-posição, como pretensiosamente o único modo de descobrimento. E assim trancado, tenta levá-lo para o perigo de abandonar sua essência de homem livre. (HEIDEGGER, 2001, p.34).

A essência da técnica moderna nos trás essa curiosa ambiguidade: um perigo que salva. Mas o que salva pressupõe uma nova maneira de pensar totalmente distinta da tradição, que não seja determinado nem pela Metafísica ou pela ciência. Logo, só através de um pensamento originário que pense o sentido do Ser historicamente, relacionando-o com o homem, pode nos salvar.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que a essência da técnica moderna relaciona-se com a Metafísica, pois ambas habitam no esquecimento do Ser. Vimos que este relacionamento não é casual, mas faz parte de um destino, onde o esquecimento encontra seu último estágio. Ao tomarmos a história como o caminho dos desencobrimentos do Ser, chegaremos à compreensão de que no período atual o desencobrimento que vigora é a *Gestell*. Chamou-se de *Gestell* o termo heideggeriano para designar a essência da técnica moderna: o modo de descobrir a vigência do ente mediante o desafio de sua dominação e exploração. Heidegger teme que este tipo de compreensão comprometa o relacionamento livre entre homem e Ser, pois tudo que se tem desvelado não ultrapassa o domínio do ente. Por isso ele aponta para um perigo iminente de nossa época: a desumanização do humano. Heidegger teme que a compreensão técnica e científica seja a última visão de mundo.

Para Heidegger, por mais paradoxal que seja, só podemos encontrar na própria técnica a solução para esta problemática. Mas para isso é necessário que se tome uma atitude livre com a essência da técnica. Nem sempre a técnica relacionou-se com o esquecimento do Ser, pois a técnica é um fazer humano dentre outros que foram tomados pela Metafísica. Ora, se a Metafísica tem um surgimento, então nada mais

AMORIM, Wellington Lima; DA SILVA, José Roberto Carvalho. A questão da técnica: o perigo da desumanização do humano. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.9, n.1, p.01-13, TRI I 2015. ISSN 1980-7031.

lúcido que se tente compreender como se dá a técnica antes desse surgimento. Volta-se então ao conceito de *tékhne*, ou melhor, o compreendemos como o tipo de descobrimento da *phísis* via *poiésis* (*produção poética*), ou seja, é a *aletheia* aquilo que a *tékhne* descobre. *Aletheia* é a verdade da *tékhne*, logo ela não visa dominar e explorar o ente em sua totalidade, pois se relaciona de maneira livre com o Ser. Porém, não observamos o mesmo com a técnica moderna. Como pensar que nela habitar alguma saída? Ora, é na técnica moderna que mora o perigo humano, a saber, o de perder o relacionamento livre com o Ser. No entanto, este perigo permanece velado à própria técnica. O perigoso está velado. Citando o poeta Hölderlin, Heidegger proclama “*Ora, onde mora o perigo é lá que também cresce o que salva*”⁷. O que salva? O perigo desvelado. Ao desvelar o perigo e percebê-lo enquanto tal, significa que já estamos de alguma forma nos relacionando livremente com a técnica.

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. O fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento. In:_____. **Conferências e Escritos Filosóficos**. São Paulo: Nova Cultural Ltda,1999. p. 90-108.

_____. **Ser e tempo**. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2009. 598 p.

_____. A questão da Técnica. In:_____. **Ensaio e Conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 11-38.

_____. **Carta sobre o humanismo**. São Paulo: Centauro Editora, 2005. 93.p.

RÜDIGER, Francisco. **Martin Heidegger e a questão da técnica: prospectos acerca do futuro do homem**. Porto Alegre: Sulina, 2006. 247.p.

⁷ HEIDEGGER, Martin. Ensaio e Conferência. 2001, p.31.